



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**MARCOS JERÔNIMO DOS SANTOS**

**AS MÚLTIPLAS FACES DO POPULISMO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA  
(1950-1960)**

**CAMPINA GRANDE  
2024**

MARCOS JERÔNIMO DOS SANTOS

**AS MÚLTIPLAS FACES DO POPULISMO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA  
(1950-1960)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

**Orientador:** Prof. Me. Anselmo Ronsard Cavalcanti.

**CAMPINA GRANDE  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237m Santos, Marcos Jeronimo dos.  
As múltiplas faces do populismo na historiografia brasileira (1950-1960) [manuscrito] / Marcos Jeronimo dos Santos. - 2024.  
22 p. : il. colorido.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.  
"Orientação : Prof. Me. Anselmo Ronsard Cavalcanti, Coordenação do Curso de História - CEDUC. "

1. Populismo. 2. Historiografia. 3. Política. I. Título  
21. ed. CDD 907.2

Elaborada por Talita R. Bezerra - CRB - 15/970

Biblioteca  
José  
Rafael de  
Menezes

MARCOS JERÔNIMO DOS SANTOS

AS MÚLTIPLAS FACES DO POPULISMO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA  
(1950-1960)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

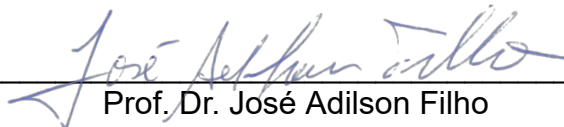
Aprovada em: 07/06/2024.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Me. Anselmo Ronsard Cavalcanti (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. José Adilson Filho  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral  
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

A minha mãe, ao meu pai (in memoriam),  
aos meus irmãos e a toda minha família  
pelo apoio e companheirismo, DEDICO.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	6
2	POPULISMO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA .....	8
3	POPULISMO(S) NO BRASIL .....	12
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	18
	REFERÊNCIAS .....	20

## AS MÚLTIPLAS FACES DO POPULISMO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA (1950-1960)

### THE MULTIPLE FACES OF POPULISM IN BRAZILIAN HISTORIOGRAPHY (1950-1960)

Marcos Jerônimo dos Santos<sup>1</sup>

#### RESUMO

O presente trabalho apresenta uma discussão historiográfica a respeito de como a historiografia concebeu e produziu o populismo. O objetivo central reside na tentativa de compreender como a academia interpretou e discutiu o conceito/fenômeno do populismo no decurso do tempo. Através de uma pesquisa bibliográfica e de revisão da literatura foi imprescindível investigar se a forma pela qual o populismo foi interpretado ao longo dos anos pode apresentar diferentes formatos e considerações. Dessa forma, as produções de teóricas referências no assunto serviram de base para a constituição do trabalho: Angela de Castro Gomes (1996, 2022), Jorge Ferreira (2010) e Maria Helena Rolim Capelato (1998). Por tanto, por meio da revisão bibliográfica, foi possível concluir que a construção de uma historiografia envolve diversas nuances. Inicialmente, o populismo recebeu maior atenção dos sociólogos e, posteriormente, de historiadores. Sendo assim, as primeiras formulações sobre o conceito no Brasil ficaram a cargo do Grupo Itatiaia e nos anos seguintes novas possibilidades interpretativas foram propostas, moldando a forma como o conceito passou a ser veiculado.

**Palavras-Chave:** Populismo; Historiografia; Política.

#### ABSTRACT

This work presents a historiographical discussion regarding how historiography conceived and produced populism. The central objective lies in trying to understand how academia has interpreted and discussed the concept/phenomenon of populism over time. Through bibliographical research and literature review, it was essential to investigate whether the way in which populism has been interpreted over the years can present different formats and considerations. In this way, the productions of theoretical references on the subject served as the basis for the constitution of the work: Angela de Castro Gomes (1996, 2022), Jorge Ferreira (2010) and Maria Helena Rolim Capelato (1998). Therefore, through the literature review, it was possible to conclude that the construction of a historiography involves several nuances. Initially, populism received greater attention from sociologists and, later, historians. Therefore, the first formulations on the concept in Brazil were carried out by the Itatiaia Group and in the following years new interpretative possibilities were proposed, shaping the way in which the concept began to be conveyed.

**Keywords:** Populism; Historiography; Policy.

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).  
E-mail: [marcossantos88090@gmail.com](mailto:marcossantos88090@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Pensar em como a historiografia brasileira construiu, interpretou e utilizou o conceito de populismo é importante, extensivo e difícil. Para tanto, é imprescindível ter diante dos olhos os múltiplos agentes envolvidos na arquitetura do conceito, bem como, suas produções, levando sempre em consideração a não imparcialidade de quem produz, assim como as influências e formatos subjetivos de interpretação.

Logo, o constitutivo de uma produção historiográfica é permeado por uma diversa gama de questões, entre elas: a reunião de fontes, a feitura de análises, interpretações e as influências sofridas por quem a constroi. No referente à produção sobre o Populismo e seus desdobramentos, é possível encontrar autores que demonstraram interesses acerca da temática, empreenderam estudos e os discutiram.

Dessa forma, é preciso pontuar que um conceito pode apresentar significados diversificados, ser multifacetado e polissêmico, assim “nos ensina Koselleck, que um conceito é uma palavra que concentra uma multiplicidade de significados, sendo sempre polissêmico e abrindo horizontes de análise” (GOMES, 2022, pág. 2).

Nesse sentido, sob a perspectiva de efetivar o estudo e análises sobre como o conceito e o fenômeno do populismo foi estudado, entendido e veiculado pela historiografia, torna-se necessário compreender que “se trata de um conceito com um dos mais altos graus de compartilhamento, plasticidade e solidificação, não apenas no espaço acadêmico da história e das ciências sociais” (GOMES, 1996, pág. 2).

A partir da existência de novas formas de populismo, que ganha força junto à influência das mídias sociais, o debate acerca do conceito é posto em evidência. Dessa forma, as discussões relacionadas às suas construções e interpretações na historiografia brasileira se configuram como indispensáveis, considerando sua complexidade. O objetivo do presente estudo reside na tentativa de compreender como o conceito de populismo foi interpretado e utilizado pela historiografia brasileira, especialmente a partir da década de 1950, considerando suas nuances ao longo do tempo.

Portanto, a complexidade do tema reside tanto nos múltiplos significados que um conceito pode assumir quanto no elevado grau de compartilhamento e plasticidade que o populismo assume, assim, o conceito de populismo “possui grande fluidez, amplitude e ambiguidade, o que lhe permite nomear inúmeros e diferenciados exemplos históricos, através do tempo e do espaço.” (GOMES, 2022, pág. 2).

Nesse sentido, ao tratar sobre a escrita de trabalhos no Brasil sobre o populismo, Gomes (1996) considera que por má interpretação ou rejeição, escrever sobre a temática é sempre um risco constante, seja qual for a escolha realizada, o texto será alvo de críticas.

No que concerne ao Brasil, por volta da década de 1950, um conjunto de intelectuais, conhecidos como o Grupo do Itatiaia, patrocinados pelo Ministério da Agricultura, reuniam-se com a finalidade de discutir os problemas que surgiam no campo político do país, um deles foi o advento do populismo na política brasileira e “para os intelectuais do Grupo, em primeiro lugar, o populismo era uma política de massas. Trata-se de um fenômeno vinculado à modernização da sociedade” (FERREIRA, 2010, pág. 68).

Para Gomes (1996), no final dos anos 1970 e início dos anos de 1980, houve crescente insatisfação com o uso do conceito e uma intensa procura por novas



interpretações, pois, na época, as interpretações do fenômeno, formuladas a partir da década de 1950, e que o entendia como sendo um política de massa, forma de governo e manipulação era quase uma imposição para qualquer trabalho que se propusesse a abordar a temática.

Diante disso, é preciso levar em consideração os meios e espaços que exercem influência na forma como um conceito é construído e concebido por um estudioso, a respeito desses fatores “Além de sua formação no IUPERJ e do diálogo com o campo intelectual das ciências sociais stricto sensu, outro espaço importante que teve influência decisiva nas reflexões críticas ao conceito de populismo que Angela de Castro Gomes desenvolveu [...] foi o CPDOC, instituição na qual a autora ingressou como pesquisadora em 1976.” (PERLATTO, 2020, pág. 105).

Para entender o populismo, é válido salientar que seu surgimento na América Latina, de acordo com a teoria da modernização, acontece por meio da transição de uma sociedade tradicional para moderna por via de um processo de urbanização acelerado, na qual os camponeses foram elencados como atores centrais para o desenvolvimento do fenômeno.

Os muitos acontecimentos que envolvem o campo da política estão diretamente entrelaçados às conjunturas sociais e econômicas de determinada localidade, assim como as muitas singularidades intrínsecas aos agentes envolvidos nesses fatos.

Ao longo do tempo, o fenômeno conhecido como populismo fez parte direta ou indiretamente da vida social de inúmeras pessoas em diversos e variados momentos dos acontecimentos históricos de muitos países. O debate e o interesse a respeito desse formato de se fazer próximo as grandes massas recebem atenção singular principalmente nos períodos eleitorais.

Nos últimos anos, especialmente nos períodos eleitorais, os debates acerca do ser populista é posto em evidência, uma vez que o fenômeno caracteriza-se por ser uma política de massa e que pretende, com mais intensidade nos momentos de pleitos eleitorais, atender e estar sempre mais próximo a grande massa populacional, visando a vitória no pleito, assim, as nuances que envolvem a temática ganham destaque e logo, é de imperiosa necessidade o debruçar-se do historiador sob tal fato.

De acordo com Maria Helena Rolim Capelato (1998), por mais que inicialmente o fenômeno tenha sido expressamente investigado por cientistas políticos, economistas e sociólogos, nas últimas décadas historiadores também demonstraram interesse em estudar o populismo.

Diante disso, a presente pesquisa detém interesse em analisar a construção e a produção do populismo na historiografia, objetivando construir interpretações e análises por meio da leitura de artigos e textos de teóricos referenciais no assunto, a exemplo de: Angela de Castro Gomes (1996, 2022), Jorge Ferreira (2010) e Maria Helena Rolim Capelato (1998).

Nesse ínterim, o presente estudo também torna-se relevante na medida em que pretende compreender como a categoria do populismo foi formulado, interpretado e veiculado pela historiografia brasileira, o que pode possibilitar a abertura de espaço para novas análises, ponderando a amplitude da discussão.

Além disso, o presente estudo não pretende encerrar as discussões e estudos acerca do fenômeno, mas de forma contrária, tenciona realizar estudo e lançar compreensões sobre o populismo, fator que contribui, de algum modo, pelo despertar de interesses e realização de novos estudos, bem como reafirma a necessidade destes no campo historiográfico e político do cenário brasileiro, afinal,

se inscreve e participa de variados momentos da história política brasileira e até dos formatos de organização populacional, por se tratar de uma política de massas.

Na medida em que escrever sobre o populismo acaba por fazer um resgate da conjuntura política do país em um dos seus momentos mais ímpares de sua história, além de poder servir de base para a compreensão do cenário atual dos diversos campos que permeiam as circunstâncias nas quais se inscrevem a política contemporânea praticada no país.

Nos últimos tempos, o advento dos chamados “populismo de direita” e “populismo de esquerda” tem recebido intenso destaque e interesse no que concerne aos entendimentos e discussões políticas e/ou historiográficas sobre o fenômeno e a política de massas: populismo; na medida em que no decurso do tempo os elementos podem se transformar e ganhar novas características, é observável que estes novos formatos, sob os mencionados títulos, são desdobramentos do populismo do século XX.

## **2. POPULISMO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA**

Durante expressivo período do século XX, a partir do desenvolvimento de um conjunto de práticas ligadas ao cenário político na América Latina, o composto dessas condutas foi designado pelo termo Populismo<sup>2</sup>. A respeito das perspectivas iniciais sobre o conceito, Gomes pontua:

De início, convém observar que se trata de um conceito com um dos mais altos graus de compartilhamento, plasticidade e solidificação, não apenas no espaço acadêmico da história e das ciências sociais, como transcendendo este espaço e marcando o que poderia ser chamado uma cultura política nacional. (Gomes, 1996, p. 2).

É notório que o conceito possui amplas possibilidades interpretativas, é intensamente compartilhado até mesmo fora dos muros da universidade, isto é, se apresenta e se insere no cotidiano dos mais distintos grupos sociais, configurando-se como parte do repertório cultural político nacional, submerso na forma de vida populacional.

No que se refere ao Brasil, o termo foi empregado para conceituar e explicar as ações e características dos governantes durante o período de 1930 a 1964, de modo que, esse período ficou conhecido como República Populista. Assim, de acordo com essa clássica definição, as figuras políticas que assumiram a cadeira presidencial nesse período são tidas como exemplares práticos de políticos populistas.

Assim, sendo caracterizado por hábitos comuns e semelhantes nas práticas políticas e visando, no período eleitoral, o atendimento aos interesses populares objetivando o ganho do pleito eleitoral, o fenômeno do populismo, bem como sua nomenclatura, foi e é passível de estudos e análises, ligadas tanto a sua implementação, desenvolvimento e colapso quanto aos mecanismos que o caracterizam e serviram de base para a utilização do termo a fim da nomeação de tais práticas.

Nesse sentido, alguns historiadores e estudiosos de áreas afins lançaram luz sobre o conceito e as condutas a ele relacionadas, a fim de estudá-lo e tentar compreendê-lo; com isso, propuseram análises e formas de explicá-lo, a partir das

<sup>2</sup> De acordo com Maria Helena Rolim Capelato (1998) o fenômeno, vastamente analisado por cientistas políticos e sociólogos, têm recebido especial atenção dos historiadores brasileiros nos últimos anos.

diversas formas de publicação dos resultados das pesquisas que realizaram, sendo preciso levar sempre em consideração as múltiplas possibilidades interpretativas do conceito, logo:

O populismo pode ser interpretado como um meio termo entre a demagogia e o autoritarismo, sendo assim, é comum que ele seja encontrado ao longo da história nas mais diversas formas e apresentações, entre elas: o nacional-populismo, populismos de esquerda e de direita, populismo midiático ou digital – sobretudo os que estão emergindo no atual momento –, populismo neoliberal, entre outros. (Diluar, 2020, p. 22).

Assim sendo, formas diversificadas de empreender estudos acerca da temática foram propostas e ganharam espaço nos debates formulados por historiadores e pesquisadores, de modo especial, no período posterior ao elencado como populista na História do Brasil. No que se refere ao populismo, as teorias de alguns estudiosos são de fundamental importância para a compreensão do fenômeno. Nas décadas de 1950 e 1960, por exemplo, a teoria da modernização<sup>3</sup> impactou fortemente na noção de populismo.

Desse modo, no contexto da transição de uma "economia tradicional", de "participação política restrita", para uma "economia de mercado", de "participação ampliada", a teoria da modernização elegeu um ator coletivo central para o surgimento do populismo na América Latina: os camponeses. (Ferreira, 2010, p. 65)

Nesse sentido, enfatizando o momento de transição de uma sociedade rural para urbana, marcada pela passagem de um grande número de pessoas do meio rural para o meio urbano, possuidores ainda de muitas características que propiciam à sobrevivência no meio rural e quase nenhuma ou nada das necessárias para o viver no meio urbano, outra possibilidade de interpretação sobre o populismo, de modo especial, sob a tentativa de elencar os principais elementos que contribuíram para o seu surgimento, pontua:

O populismo surgiu em um momento de transição dessa sociedade para a moderna, implicando o deslocamento de populações do campo para a cidade - o mundo agrário invadindo o urbano-industrial. Como a mescla de valores tradicionais e modernos, os líderes populistas se projetaram em sociedades que não consolidaram instituições e ideologias autônomas, mas necessariamente seriam substituídos por outras lideranças portadoras de idéias classistas quando o capitalismo alcançasse maturidade na região. (Ferreira, 2010, p. 65)

Um dos mais conhecidos teóricos da teoria da modernização é o sociólogo argentino Gino Germani que, em trabalho intitulado "Política e sociedade em uma época de transição: da sociedade tradicional à sociedade de massas", de 1973, sustenta a concepção de que a inserção da América Latina no mundo moderno não seguiu os clássicos padrões europeus de democracia.

Com isso, a sociedade deixou de ser tradicional para rapidamente modernizar-se, fator que mobilizou massas populares para um cenário industrial, ávidas por terem participação social e política, uma vez que, não tinham nenhuma representação nos espaços de poder. A soma constitutiva destes elementos resultou

<sup>3</sup> De modo geral, sustenta a concepção da existência de um descompasso acerca da construção de uma sociedade moderna com suas instituições frente ao surgimento das massas populacionais tradicionais (rural) nos centros urbanos, ou seja, demarca o momento em que um grande número de pessoas se inserem em um contexto diferente a sua realidade e nesta, demonstram necessidade de representação.

na teoria da modernização proposta por Germani, a qual influenciou fortemente as pesquisas posteriores sobre o populismo.

A propositura do sociólogo Gino Germani irá influenciar todos os escritos posteriores sobre a temática, servindo quase como um manual indispensável para quem tivesse interesse ou se dedicasse a escrever sobre, baseando-se na ideia de que as massas vindas do meio rural foram cooptadas por lideranças do meio urbano, tal teoria ainda reverbera nos dias de hoje e se configura como elemento primordial para qualquer estudo realizado sobre o assunto.

Logo, inseridas no mundo urbano industrial, em algumas nações a solução para atender as problemáticas foram buscadas por meio de golpes militares ou revoluções nacionais populares, nomeadas populismo, entendido como um momento de transformação da sociedade rural para a industrial, na qual o mundo agrário invadiu o urbano e, assim, vários grupos sociais tornaram-se massa de manobra, facilmente manipuláveis e dóceis; simultaneamente, líderes carismáticos conseguiram projetar-se em decorrência da citada docilidade dessas massas. A respeito da teoria de Gino Germani:

Para Gino Germani, o mais conhecido desses teóricos, a inserção da América Latina no mundo moderno não seguiu os padrões clássicos da democracia liberal européia. A passagem de uma sociedade tradicional para uma moderna ocorreu em um rápido processo de urbanização e industrialização, mobilizando, desta maneira, as "massas populares". Impacientes, elas exigiram participação política e social, atropelando, com suas pressões, os canais institucionais clássicos. A resolução dos problemas ocorreu com golpes militares ou com "revoluções nacionais-populares", sendo que as últimas, sobretudo seus resultados, foram nomeadas de populismo. (Ferreira, 2010, p. 64)

Dessa forma, para Germani, o populismo se desenvolve a partir do processo de passagem das grandes massas do mundo tradicional, voltado às atividades do campo para sua implementação no meio urbano, voltado à vida industrial e, nesta, sendo cooptadas por uma figura política que a própria massa elegeu; portanto, é perceptível na teoria elaborada por Germani a docilidade das massas frente a um líder.

A docilidade das massas, proposta por Germani em sua teoria da modernização, diz respeito a passividade das grandes massas frente a figuras políticas, a facilidade com que estas figuras conseguem intervir nas ações das massas, no grau de docilidade e na facilidade de manobrar as massas, a fim de atender os interesses de quem as coloca nesta posição, objetivando principalmente o ganho de pleitos eleitorais e a manutenção destas figuras nos espaços de poder.

Assim, as massas, a partir de seu alto grau de docilidade, de ser dócil, é compreendida por Germani como alienada a sua própria realidade, configurando-se como iludidas, manipuladas e arregimentadas por figuras que deteriam todo o controle sob estas.

O formato de compreensão do populismo proposto por Gino Germani influenciou, efetivamente, as publicações posteriores e as maneiras pelas quais o fenômeno veio a ser discutido e entendido. Além disso, guardadas as devidas proporções de tempo e espaço, seria razoável acreditar que tais perspectivas ainda estão presentes na contemporaneidade, embora, não necessariamente da mesma forma.

Comungando das concepções defendidas por Germani, mas acrescentando novos elementos para a compreensão do populismo, Torcuato di Tella na obra "Para

uma política latino-americana”, de 1969, evidencia o aumento demográfico e a emergência de participação social das massas populares enquanto motor gerador de mudanças no cenário político; para ele, as massas juntaram-se às classes médias que encontravam-se descontentes por não terem alcançado o *status* de classe dominante, acarretando o processo de surgimento de líderes carismáticos advindos dessas classes e aptos a manipular as massas. Assim:

Torcuato di Tella, por sua vez, foi além. A explosão demográfica e as aspirações participativas das "massas populares" forçaram alterações no sistema político. Em certo ponto, de muita tensão, as "massas", com suas expectativas, se aliaram às camadas médias, setores ressentidos por não se tornarem classes dominantes. Assim, diante de um quadro em que as classes fundamentais não deram respostas adequadas exigidas pelo "momento histórico" - as dominantes, por sua inoperância, a operária, por sua inexpressividade-, surgiram líderes oriundos das classes médias prontos para manipularem as "massas". (Ferreira, 2010, p. 64 -65)

Nesse contexto, a partir da passagem de uma sociedade de economia tradicional para uma economia de mercado, os camponeses foram eleitos, pela teoria da modernização, como atores principais para o surgimento do populismo, em grande parte considerando o deslocamento da população do campo para a cidade e a fusão de visões e valores divergentes (tradicional e moderno), fatores que contribuíram para a ascensão de líderes populistas enquanto figuras próximas aos anseios das grandes massas.

As ideias defendidas por di Tella não se distanciam das proposituras de Gino Germani, mas há o acréscimo de novos elementos como a evidência do aumento demográfico, em decorrência da chegada de um elevado número de pessoas advindas do campo e inseridas no mundo urbano, e a necessidade de participação social e política requeridas pelas grandes massas. Para di Tella, tal demanda teria resultado no aparecimento de líderes carismáticos, surgidos pela relação das massas com as classes médias.

Em contrapartida aos teóricos da modernização, Octávio Ianni, em seu trabalho intitulado “O populismo na América Latina”, de 1975, apresenta críticas e divergências com relação a algumas proposituras concebidas por Germani e di Tella, como a docilidade das massas, tidas por estes teóricos como facilmente manipuláveis por líderes carismáticos e demagogos.

Os novos elementos propostos por Ianni, boa parte deles divergentes das ideias propostas por Germani e di Tella, revolucionaram as formas de entendimentos colocadas para o estudo do populismo apresentadas até então, resultando em um novo formato de compreensão sobre o fenômeno, que também influenciará direta e indiretamente os posteriores escritos sobre o fato, e assim cenário e a tessitura da historiografia acerca do populismo se constroem.

Para Ianni, por um lado, ocorre a chegada do mundo rural e sua inserção no mundo urbano, num cenário em que as populações recém-chegadas não possuíam as condições ou a cultura requerida para a sobrevivência no espaço urbano, mas, por outro lado, a sociedade também não dispunha, mesmo que necessitasse, de instituições políticas representativas e consolidadas como um sistema partidário.

a incorporação das massas à vida política não ocorre de maneira total, tratando-se apenas de uma realidade ilusória, criada com base no estabelecimento de alguns direitos mínimos que são oferecidos à essa parcela da população – as massas populares –, para que acreditem que aqueles que estão no poder também governam para eles, quando na

verdade a concessão desses direitos serve como forma de controle da insatisfação popular e de imposição de limites à participação política. (Diluar, 2020, p. 29).

A sociedade rural chega ao meio urbano sem deter, em altíssima medida, as premissas necessárias para o estar no meio urbano e bem viver nele, assim como o próprio meio urbano não detinha dos espaços políticos, de representação e um sistema político, ainda que muito necessário, afeito ao atendimento das necessidades das grandes massas.

Sendo assim, a inserção destas na vida política não aconteceu de forma integral, condicionada a escassos direitos, na tentativa de os fazerem acreditar que os detentores do poder também governavam em consonância aos seus interesses, todavia, tal concessão caracteriza-se como uma estratégia de contorno as insatisfações das grandes massas.

Nessa perspectiva, existe um descompasso, uma relação desigual do modelo europeu de democracia representativa. Assim, todo esse cenário culminou no sucesso de sobreposição de uma liderança sobre as massas mais populares. Além disso, no referente às suas formas de relação, Ianni compreende que na sociedade industrial, fortemente marcada pelas relações do trabalho e mercado, as massas e o líder populista sobrevivem sob vínculos, todavia em patamares de desigualdade, baseados no carisma e na demagogia.

### 3. POPULISMO(S) NO BRASIL

De acordo com a historiadora Angela de Castro Gomes<sup>4</sup>, professora titular de História do Brasil na Universidade Federal Fluminense (UFF), em “O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito”<sup>5</sup>, de 1966, assinala as primeiras formulações sobre o conceito de populismo, conforme discutido pelo Grupo Itatiaia<sup>6</sup>

Como uma vanguarda esclarecida, o Grupo de Itatiaia, como ficou conhecido, esforçou-se para formular projetos políticos e estabelecer uma nova visão de mundo. Um dos problemas identificados foi o surgimento do “populismo na política brasileira”. Embora se constate ausência de esforços para conceituar o fenômeno nas condições do país, explicava-se a expressão por variáveis histórico-sociológicas, influenciando, mais tarde, as inúmeras formulações que se seguiram. (Ferreira, 2010, p. 67-68)

Além disso, discorre sobre a escrita do populismo no Brasil que, por ser incompleta ou má interpretada e por deter adesões ou rejeições, é arriscada e facilmente passível de críticas. Ela também evidencia que o conceito possui grande grau de compartilhamento e solidificação, uma vez que, consegue extrapolar os muros do espaço acadêmico e chegar aos meios de comunicação de massas e ao senso comum, amplamente disseminado na população, fazendo parte do cotidiano

<sup>4</sup> Autora, entre outras obras, de *A invenção do trabalhismo* (1988) e *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo* (1996).

<sup>5</sup> Texto apresentado no XI Congresso Internacional da Associação de Historiadores Latinoamericanistas Europeus (AHILA), realizado na Universidade de Liverpool, em setembro de 1996.

<sup>6</sup> O grupo começou a realizar reuniões a partir de agosto de 1952, patrocinado pelo Ministério da Agricultura, reunindo intelectuais preocupados em discutir os problemas políticos, econômicos e sociais, possuía como principal discussão o surgimento do populismo.

dos múltiplos grupos sociais, além de muito comentado, recebendo atenção especialmente durante os pleitos eleitorais.

O conceito ainda usado e defendido por parte da academia é duramente criticado por outra parcela, havendo uma verdadeira disputa de interesses, se caracteriza como uma política de massas, por trabalhadores sem consciência de classe e desorganizados, podendo ser facilmente arregimentados.

Das décadas de 1940 a 1960, as formulações a respeito do conceito estão diretamente imersas no tema do nacional-desenvolvimentismo, sendo compreendido como a transição da economia agrário-exportadora para a urbano-industrial, uma passagem de um altíssimo número de pessoas advindas e comuns a vida do campo para a sua imersão no mundo urbano.

Dessa forma, na medida em que o populismo caracteriza-se como uma política de massas, se faz necessário compreender como o conceito nasce e como foi interpretado; para tanto, um dos escritos de maior destaque no tocante ao assunto é o livro do médico e psicanalista Sigmund Freud que em “Psicologia das massas e análise do eu” empreende estudos e investiga acerca da formação e do funcionamento dos grandes grupos e os mecanismos que possibilitam uma multidão de humanos pensantes se submeterem a um líder. A respeito de sua compreensão sobre massas:

A massa é extraordinariamente influenciável e crédula, é acrítica, o improvável não existe para ela. Pensa em imagens que evocam umas às outras associativamente, como no indivíduo em estado de livre devaneio, e que não têm sua coincidência com a realidade medida por uma instância razoável. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exaltados. [...] Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa. Como a massa não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, e tem consciência da sua enorme força, ela é, ao mesmo tempo, intolerante e crente na autoridade. (Freud, 2011. p. 18-19)

Portanto, no que diz respeito ao fenômeno de populismo no Brasil, para Gomes, no final dos anos 1970 e início dos 1980, houve insatisfações com o uso do termo e foram buscados novos ângulos de interpretação.

Portanto, a autora concebe que até o final dos anos 1970, a definição e os formatos de estudos e interpretação do fenômeno como um estilo de governo, política de massa e manipulação desta, tornou-se praticamente uma imposição, ou seja, o populismo era concebido apenas por esse viés, desconsiderando-se a possibilidade de se efetivarem novas perspectivas. Afirma, então, a esse respeito:

Também em fins dos anos 70 e inícios dos 80, pode-se localizar uma crescente insatisfação com o uso do conceito e o início de um esforço mais sistemático no sentido de elencar as questões teóricas e históricas que, nesta abordagem crítica, ele obscureceria. É possível associar, mais uma vez e sem mecanicismos, esta busca de novos ângulos interpretativos às transformações que a sociedade brasileira vivenciava, particularmente no que diz respeito ao “renascimento” de movimentos sociais diferenciados, dentre os quais o grande destaque residia na retomada do sindicalismo (Gomes, 1996, p. 13)

Em contrapartida, na visão do cientista social Celso Frederico, em “Consciência operária no Brasil”, publicado em 1979, já no começo da década de

1970 não era incomum o registro de inconformidades com a utilização do termo, passando-se a questionar o populismo como estudado e veiculado.

Além disso, coloca como falsa a ideia de uma inconsciência de classe por parte dos trabalhadores arregimentados pelo fenômeno, inovando os formatos de pensamentos operacionalizados até o momento.

A partir da realização de entrevistas com operários, pessoas em seus trabalhos, inserindo-se efetivamente nos seus espaços laborais, mantendo contato muito próximo da realidade dos trabalhadores, o autor expressa dúvidas com relação às análises efetuadas até então.

Na sua perspectiva, baseada em sua experiência imersa na realidade do cotidiano dos trabalhadores, Celso Frederico não consegue os conceber como até então haviam sido elencados, e nesse sentido, há a proposição de efetuar compreensões sobre estes considerando novas ópticas interpretativas.

Em suas entrevistas com trabalhadores de carne e osso, o autor pôde percebê-los como não contrários à sua realidade social e interesses, não iludidos por uma grande figura carismática-política, muito menos manipulados e menos ainda desorganizados socialmente como formularam os estudos sobre o fenômeno.

Dessa forma, Celso Frederico (1979), propõe novos horizontes interpretativos acerca do tema, entendendo o operário não mais como distante de sua situação, tampouco capitaneado por uma liderança<sup>7</sup>.

Embora com as limitações impostas pelas teorias vigentes naquela época, o autor expressou suas dúvidas certamente por entrevistar operários de carne e osso, conhecendo-os de perto. Frederico não encontrou, e demonstrou isso com muito talento, trabalhadores manipulados, iludidos e desviados dos seus "reais" interesses. (Ferreira, 2010, p. 105)

O professor, cientista político e escritor Francisco Weffort trabalha com a temática do populismo sob outra ótica, não tão distante de Celso Frederico, mas de forma contrária. Em "O populismo na política brasileira", de 1978, Weffort veicula a ideia de que o sucesso tanto da figura (pessoa de Vargas), quanto da sua política (ações, decisões e estratégias) entre os trabalhadores foi possibilitado em decorrência do crescente êxodo rural em voga na época.

De acordo com o autor, o fenômeno do êxodo rural inseriu no contexto dos centros urbanos, uma mão-de-obra com tradições individualistas e sem nenhuma experiência de luta sindical que, imersa no âmbito urbano ansiava por acesso a consumo e emprego; portanto, havia classe, mas faltava a consciência dela, envolta num processo que a transformou de camponeses a pessoas urbanas assalariadas. A esse respeito:

Weffort recupera a tese que afirma o sucesso da política varguista entre os trabalhadores porque o êxodo rural trouxe para as cidades uma mão-de-obra com tradições patrimoniais, individualistas e sem experiências de lutas sindicais. Desencadearam-se, desse modo, a "revolução individual" dos migrantes oriundos do campo que chegaram ao mundo urbano e a conseqüente pressão para o acesso ao consumo e ao emprego. Portanto, "trata-se, sempre, de formas individuais de pressão, as quais se apresentavam aos populistas como um problema a resolver". (Ferreira, 2010, p. 74 - 75)

---

<sup>7</sup> A partir de então, um grupo de cientistas políticos vislumbrou entender a consciência de classe como uma relação complexa entre Estado e os empresários; nomes como Maria Hermínia Tavares de Almeida, Luiz Werneck Vianna e Wanderley Guilherme dos Santos ofertaram relevantes contribuições ao grupo.



Com isso, para Weffort o populismo deve ser entendido e baseado a partir de relações individuais, bem como, sob a perspectiva de uma relação caracterizada pela figura de um líder populista intimamente ligado a essas massas advindas do campo, além de o fenômeno possuir um pequeno formato burguês como forma de consagrar o Estado, gerando desestímulos para articulações partidárias. Sendo assim, o líder populista carismático sempre seria uma figura que já detinha algum controle ou posição em algum cargo público, possibilitando-lhe reunir as massas.

Miguel Bodea, com a publicação da obra "Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul" (1992) e a partir da construção de diversos estudos, rompe com as ideias de entendimento sobre o populismo propostas por Weffort, bem como, questiona a ideia por este defendida que se baseava na relação liderança populista x massa e com a concepção de que o populismo foi uma formatação burguesa para consagrar o Estado.

De forma contrária à concepção defendida por Weffort, o autor Miguel Bodea demonstra que figuras tidas como populistas, a exemplo de Getúlio Vargas, Alberto Pasqualini e João Goulart, antes de possuírem reconhecimento nacional, ascenderam primeiramente dentro dos grupos políticos (seus partidos), nos quais afirmaram seus papéis de lideranças; somente posteriormente passaram a ganhar destaque em nível nacional e, não necessariamente, como parece, a partir da relação direta entre o líder e a grande massa. A esse respeito, Bodea argumenta que:

torna-se patente que nenhum destes líderes teria desenvolvido seu prestígio junto às massas – ao menos no âmbito regional – sem passar pelo crivo do partido, com suas disputas internas e a luta constante pelo voto dos delegados às convenções partidárias. Evidentemente, depois de verem sacramentadas suas lideranças e candidaturas no nível partidário, todos estes líderes criaram uma projeção própria de liderança de massa para fora e até acima do partido (1992, p. 197).

Assim, o processo de carisma dessas figuras desenvolveu-se posteriormente à afirmação de poder em seu partido. Dessa forma, sem a articulação do partido, muitos desses nomes seriam desconhecidos, a exemplo de João Goulart (herdeiro político de Getúlio Vargas) que, certamente, não alcançaria projeção nacional sem um partido forte em nível regional e não estivesse apto a promover seu nome. No cerne das discussões, a esse respeito:

Miguel Bodea, por sua vez, com base em extensa pesquisa, questionou em Weffort a tipologia da relação "líder populista-massas populares" e a ideia de que o populismo teria sido um pouco mais que uma "forma pequeno-burguesa de consagração do Estado", uma vez que desestimularia a organização partidária. Bodea, igualmente influenciado pelas reflexões de Laclau, demonstrou como Getúlio Vargas, Alberto Pasqualini, João Goulart e Leonel Brizola primeiro firmaram suas lideranças em uma estrutura partidária regional e somente depois se projetaram na política nacional. A ascensão ocorreu dentro do partido político, e não, "como muitos parecem supor, a partir de uma relação carismática direta entre o líder e as massas populares". Para o autor, "o carisma, quando houve, desenvolveu-se a posteriori". (Ferreira, 2010, p. 107)

Nesse sentido, o próprio Getúlio Vargas lutou por quase três décadas para ganhar destaque no Partido Riograndense e, só posteriormente, passou a ser considerado, por alguns, um mito político. Tais nomes obtiveram projeção de liderança passando pelo crivo de seus partidos e de suas disputas internas. Além

disso, Bodea discorda da visão sugerida por Weffort de que o grande líder populista seria sempre uma figura que já detinha controle de algum cargo público.

Argelina Cheibub Figueiredo, professora, cientista social e política, lança novas perspectivas e olhares acerca de entendimentos sobre o populismo, com a publicação de um trabalho inovador “Democracia ou reformas? : alternativas democráticas à crise política: 1961-1964”, publicado em 1993, no qual a autora refuta os pensamentos divulgados até então que explicavam o colapso do populismo pelas mudanças referentes ao determinismo econômico.

Dessa forma, a partir de então foi aberto espaço para novas formatações de pensamentos e reflexões, retirando a excessiva passividade sempre delegada aos trabalhadores e entendendo que eles não eram alienados e contrários à sua realidade. Essa nova perspectiva, proposta por Argelina Figueiredo, aconteceu em decorrência de uma série de outros pensamentos e formas de estudos empreendidas sobre o populismo, ocorridas desde o final da década de 1990<sup>8</sup>.

A nova abordagem colocou em evidência as perspectivas de análise e interpretação dos fatos históricos, assinalando a história cultural; até então, havia uma extensa tradição de abordagens e pesquisas sobre o tema, habitualmente examinado sob o prisma de uma dominação estatal com relação aos trabalhadores. Com as novas abordagens da história cultural, da antropologia e da história política renovada, novos enfoques foram elencados.

Maria Helena Rolim Capelato, historiadora e professora, em “Estado Novo: novas histórias”, de 1998, publicação que integra a obra de Marcos Cezar de Freitas, empreende estudo comparativo sobre o Estado Novo no que concerne à eficiência das estratégias propagandísticas, entendidas como o motor do processo de dominação das massas pelos líderes populistas.

Lançando novos olhos e outros horizontes interpretativos com relação às propagandas e a suas receptividades pelos trabalhadores, uma vez que, por muito tempo, os estudos entendiam as propagandas efetivadas pelos líderes populistas como um dos principais pilares que propiciavam corroborar a aceitação desses líderes pelas massas, bem como proporcionaram, em certo grau, a manipulação desses trabalhadores, colocando-os como massas de manobra e passivos com relação às dominações estatais. A esse respeito:

Maria Helena Rolim Capelato, em sua pesquisa comparativa sobre Estado Novo e o peronismo, relativiza o poder da propaganda política de massas. Para a autora, "a eficácia das mensagens depende dos códigos de afetividade, costumes e elementos histórico-culturais dos receptores". Sem a presença desses elementos, uma máquina propagandística, mesmo poderosa e sofisticada, cai no vazio. Em teses e dissertações que orientou, surgem contrariedades com as premissas "que insistem na capacidade de manipulação estatal das consciências pelos meios de comunicação". (Frederico, 2010, p. 109 - 110)

Nessa perspectiva, para Maria Helena Capelato, a eficácia das mensagens veiculadas nas propagandas irão depender dos códigos de afetividade de quem as assiste, como também, dos costumes e das nuances histórico-culturais de seus receptores e não serão meramente aceitáveis por seus receptores, sem nenhuma construção de ideia sobre a pretensão das mesmas.

---

<sup>8</sup> Nomes como Lucília de Almeida Nunes e Maria Celina de Araújo demonstraram em publicações que o fenômeno não se reduziu apenas à manipulação, recusando as abordagens que enfatizavam a manipulação estatal dos trabalhadores.

A propaganda política desencadeia uma luta de forças simbólicas, que visa ao reforço da dominação, ao consentimento em relação ao poder e à interiorização das normas e valores impostos através das mensagens propagandistas. No entanto, como esclarecem De Certeau e Chartier, a incorporação da dominação pelo receptor não exclui a possibilidade de desvios. A eficácia das mensagens depende dos códigos de afetividade, costumes e elementos histórico-culturais dos receptores. Por isso, o efeito não é unívoco, e mensagens similares podem ser interpretadas de maneiras diferentes, produzindo ações diferentes. Essa constatação ajuda a explicar por que uma propaganda política brasileira organizada a partir do modelo europeu produziu resultados bem diversos (Capelato, 1998, p. 201-203).

Dessa maneira, por mais que as figuras populistas disponham de uma máquina propagandística moderna, sofisticada, persuasiva e poderosa, sem o aparecimento desses elementos, elas podem ser relegadas ao vazio, ou seja, a massa populacional não é totalmente influenciável e alienada, pois, suas escolhas também são condicionadas através de sua realidade e meio social.

Nesse sentido, aproximando-se tanto das perspectivas propostas por Capelato quanto assentado nos novos enfoques elencados pelas novas abordagens da história social, o autor, historiador e professor Jorge Luiz Ferreira – que foi orientando da professora Maria Helena Rolim Capelato no Doutorado em História Social (na USP) – com o livro “Trabalhadores do Brasil: o imaginário popular”, de 1997, propõe novas perspectivas.

Assim sendo, também promove novas interpretações acerca da relação trabalhadores e líder populista ao agregar novas visões acerca da construção de entendimentos e posteriores formatações de estudos realizados sobre o tema, sendo fortemente influenciado pela sua orientadora, bem como, comungando do seu pensamento.

Portanto, na obra, Jorge Luiz Ferreira detém foco especial sobre os trabalhadores, reconstruindo suas crenças, ideias, práticas políticas e estratégias; assim como, dos diversos grupos sociais que viviam durante o primeiro governo de Vargas, buscando compreendê-los a partir de uma nova ótica, retirando sua excessiva passividade frente às figuras populistas, visão que ficou impregnada pelas tradicionais formas de pensamento elaboradas por muito tempo.

Diante disso, é imprescindível reconhecer a importância do fenômeno na tessitura dos fatos históricos que formulam e participam da história do Brasil, mesmo que o conhecimento a seu respeito ainda possa se apresentar de forma indistinta “Apesar de ser reconhecida a importância do populismo na história do país, o conhecimento a seu respeito ainda é nebuloso. A razão disso está na grande fragmentação das abordagens.” (RICCI; IZUMI; MOREIRA, 2022, p. 1)

Além disso, evidencia que os trabalhadores não estavam totalmente manipulados, iludidos ou completamente capitaneados pela figura de um líder carismático; também faz uso de conceitos de autores da história cultural como Chartier, Darnton e Peter Burke; portanto, dessa forma não diverge das concepções propostas e inauguradas pela professora Maria Helena Capelato para entender e estudar o populismo.

A constituição de uma historiografia é permeada por diversas nuances, a exemplo da formação da identidade de uma população, do destaque aos marcos históricos e do conferir visibilidade a indivíduos e às pretensões de quem a redige. Assim, a formação da historiografia, relatando e expondo os fatos ocorridos, não se constitui em um processo já pronto e acabado, mas é resultante e advém de uma produção efetuada por e para alguém.

Portanto, a elaboração historiográfica não está isenta das escolhas, subjetividade e intenções pretendidas por quem a produz e que, portanto, utiliza-se dos dados recolhidos e das fontes passíveis de análise. No que tange ao populismo, esse processo de escrita e elaboração de concepções não é diferente. Dessa forma, no decurso do tempo, múltiplas faces foram propostas e empregadas nos estudos sobre o populismo, momento ímpar da história brasileira.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A construção historiográfica e narrativa de determinado fato histórico ou de aspectos da vida social são permeados, sem sombra de dúvidas, por diversas questões ligadas à subjetividade, ao interesse, à necessidade de quem a concebe e, assim sendo, o estabelecimento de uma historiografia acerca do populismo e das suas múltiplas possibilidades de interpretação não difere, perpassa variadas questões relacionadas ao interesse e às influências circunscritas na escrita sobre a temática.

Por todos esses mesmos motivos elencados, a concepção e a construção historiográfica efetivada sobre os acontecimentos históricos são sempre passíveis de revisitação, de novas perguntas, de novas análises, de um novo olhar e podem resultar e possibilitar na construção de um saber novo ou na complementação de um saber.

A construção historiográfica acerca do fenômeno do populismo é rica, extensa, múltipla, diversa, difícil, apresenta-se de variados modos ao pesquisador ou a quem se dedica a ler sobre. Assim, tal construção remete a uma análise complexa e repleta de minuciosos detalhes, com características específicas.

O populismo, conceito amplamente compartilhado, possuidor de múltiplos significados e polissêmico pode assumir ou receber diferentes interpretações no decurso do tempo, a depender da época em que se insere, de quem empreende estudos sobre o conceito, da literatura prévia existente antes da propositura de uma nova concepção, acréscimo ou reformulação sobre si.

Nesse sentido, propor estudos sobre a temática não constitui-se como tarefa simples, mas apresenta diversas dificuldades, seja pela má interpretação ou pela possível rejeição que facilmente o escrito pode receber, como aponta a professora e teórica Angela de Castro Gomes, seja pelas incontáveis formas de interpretações e polissemia que o conceito pode assumir.

Além disso, é sempre preciso levar em consideração que se trata de um fenômeno diretamente relacionado ao campo político, a um dos formatos de empreender uma prática política, de se fazer próximo a um grande número de eleitores.

Vale ressaltar ainda que uma das principais características do populismo é justamente a relação entre liderança política e a influência desta figura sobre um grande número de pessoas, as massas, entendidas por muito tempo como totalmente passíveis, alheias e manipuláveis.

No entanto, no decurso da pesquisa, na análise das fontes e na construção escrita do presente estudo, foi perceptível observar que as massas não se configuram exatamente assim, como afirmam alguns estudiosos citados no texto, as massas não são totalmente alheias às suas realidades, nem totalmente passíveis aos discursos proferidos por essas lideranças.

Nesse sentido, evidencia-se uma intensa disputa de discursos no centro das discussões sobre o populismo e, no constitutivo de uma historiografia, o mesmo

fenômeno é observável, na medida em que há um amplo embate por elencar sua narrativa construída como a mais verdadeira, a mais completa, a que melhor explica ou a que melhor se assemelha em todas as suas nuances com os fatos descritos.

Diante desses achados, conclui-se que, por mais que inicialmente a temática tenha recebido especial atenção de cientistas políticos e sociólogos, nos últimos tempos os historiadores também têm demonstrado interesse e empreendido estudos sobre.

No que concerne às primeiras elaborações relacionadas ao conceito no Brasil, é observável que são frutos das formulações produzidas pelo Grupo Itatiaia, que por volta da década de 1950 o entendia, no referente às características da política brasileira da época, como sendo como uma política de massas.

Com este trabalho, pretendemos compreender como o fenômeno do populismo foi pensado, produzido e interpretado pela historiografia, de modo especial em textos e obras de teóricos referenciais no assunto, assim como, contribuir com a discussão da temática, posto suas múltiplas possibilidades de elaboração.

Nesse sentido, constata-se que a escrita sobre a temática não constitui-se como tarefa simples, mas apresenta complexidade, a exemplo do altíssimo nível de amplitude do conceito, assim, tal escrita pode ser sempre mal entendida.

No cerne da discussão sobre o tema, depreende-se que no fim dos anos 1970 e no começo dos anos 1980 houveram insatisfações no referente às formulações empreendidas até então sobre o conceito, tanto por serem consideradas via de regra para a compreensão deste, como por apresentar uma certa limitação em relação a todos os elementos que o constituem, a exemplo da passividade manipulativa colocada como característica central das massas.

Portanto, a partir destas insatisfações, novas proposituras foram colocadas para o estudo e compreensão do fenômeno, uma delas contestando a passividade imposta às massas e a ideia de inconsciência de classe. Logo, é visível a moldagem das possibilidades interpretativas a partir da inserção de novos elementos na abordagem.

Assim, outra importante contribuição no campo das discussões a respeito do populismo são as proposituras do filósofo político Ernesto Laclau, principalmente a respeito da necessidade e do que levar em consideração na busca por possibilidades interpretativas sobre o populismo, bem como, propõe a concepção de populismo como um aspecto lógico e, dessa forma, um fazer político baseado na racionalidade.

Além disso, no cerne dos debates atuais acerca do conceito/fenômeno, o surgimento dos intitulados “populismo de direita” e “populismo de esquerda” tem ganhado amplo destaque, assim como, reafirma a atualidade e o quanto é essencial a proposituras de pesquisas e estudos referente ao assunto.

Esses fenômenos também podem ser entendidos, em alguma medida, como desdobramentos do populismo mais clássico, o populismo do século XX, se configuram então como novos formatos de políticas de massas, extremamente baseados no fator da polarização, palavra muito comum nas últimas eleições presidenciais no Brasil e até no cenário partidário político global, ganhando ainda mais alcance e disseminação por meio das plataformas digitais de comunicação.

Dessa forma, a construção historiográfica sobre o populismo é complexa, ampla e variada. O conceito pode assumir múltiplas faces, concomitante ao contexto a que se insere, ao interesse e as influências ligadas a quem se propõe a construí-lo.

Nesse sentido, é perceptível seu uso como categoria explicativa para elencar uma série de características de ações governamentais ou de figuras políticas que estão circunscritas no tecido histórico e historiográfico que permeiam os mais variados e complexos momentos da singular história brasileira, assim como a do campo político.

## REFERÊNCIAS

BODEA, Miguel. **Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Estado Novo: novas histórias. *In*: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998. p. 183-450.

DILUAR, MARIANA GUELERI. **A Complexidade Do Conceito De Populismo: O Populismo Clássico Latino-americano E Os Debates Atuais Sobre O Conceito**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2020.

DI TELLA, Torcuato S. **Para uma política latino-americana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

FERREIRA, Jorge. Trabalhadores do Brasil: o imaginário popular. *In*: FERREIRA, Jorge. (org.). **O populismo e sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FERREIRA, Jorge. Introdução; O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. *In*: FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e sua história: debate e crítica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. (p. 7-16; p. 59-97-124).

FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. **Democracia ou reformas?: alternativas democráticas à crise política: 1961-1964**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. Tradução: Paulo C. S. São Paulo: editora Schwarcz, 2011. 300p.

FREDERICO, Celso. **Consciência operária no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1979.

GERMANI, Gino. **Política e sociedade em uma época de transição**: da sociedade tradicional à sociedade de massas. São Paulo: Mestre Jou, 1973.

GOMES, Angela de Castro. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. *In*: FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Tempo, 1996. p. 1-17.

GOMES, Angela de Castro. O populismo no Brasil: Desafios de um debate historiográfico. **Estudos Ibero-Americanos**, [S. l.], v. 48, n. 1, p. e42806, 2022.

IANNI, Octavio. **O populismo na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

PERLATTO, F. Angela de Castro Gomes: trajetória intelectual e percursos do conceito de populismo. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, [S. l.], v. 10, n. 24, p. 98–119, 2020. DOI: 10.32335/2238-0426.2020.10.24.2760.

RICCI, Paolo e IZUMI, Mauricio e MOREIRA, Davi. **O populismo no Brasil (1985-2019): um velho conceito a partir de uma nova abordagem**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 36, n. 107, p. 1-22, 2022 Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/3610707/2021>. Acesso em: 01 maio 2024.

VILLEROY, Vitor Wrobel de. **Populismo no Brasil : Um conceito, múltiplos significados**, 2021. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

WEFFORT, Francisco Corrêa. O populismo na política brasileira. *In*: WEFFORT, Francisco Corrêa. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 61-76.

## AGRADECIMENTOS

A Deus todo poderoso, senhor dos nossos dias e pai protetor, por ter me capacitado e guiado meus caminhos até a realização deste trabalho, bem como por todas as incontáveis bênçãos e graças a mim concedidas ao longo de toda a minha existência.

A toda minha família por todo apoio e companheirismo ao longo da caminhada, em especial a minha mãe por sempre estar ao meu lado e por toda sua imensurável dedicação desde os meus primeiros momentos de vida, ao longo de todos os percalços da graduação até a elaboração do presente trabalho; sem a colaboração e o empenho de vocês tudo teria imensamente ainda mais árduo.

Aos meus irmãos por toda ajuda, empenho e contribuição nos momentos mais complexos de toda a caminhada, por todo apoio e incentivo.

Aos meus sobrinhos Maria Letícia e José Théo que mesmo em tenra idade foram fontes de inspiração e alento no decurso complexo do processo.

A todos os meus amigos e amigas que de maneira direta ou indireta contribuíram, cada um à sua maneira, para a conclusão desta etapa, de modo especial a Geovana e Ingrid, com quem dividi tantos e diversos momentos. A Phery por sempre se fazer presente.

Agradeço de maneira especial ao meu professor orientador Anselmo Ronsard Cavalcanti, por sua dedicação, comprometimento e paciência, fatores de fundamental importância para a execução deste trabalho, sem os quais a sua elaboração não teria sido possível.

A todos os colegas com quem tive a oportunidade de dividir as muitas alegrias e as diversas dificuldades da sala de aula e da vida acadêmica.

A todos os funcionários da Universidade Estadual da Paraíba, sempre muito solícitos, tornando todo o processo até a conclusão da graduação menos árduo.

A todos os docentes do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba-Campus Campina Grande, dos quais tive a grata satisfação e prazer de ter sido aluno, por seus empenhos e comprometimento com o processo formativo dos futuros professores deste país, bem como por todos os saberes e ensinamentos compartilhados.